

Introdução

A partir do conceito “com a câmera na mão” este texto irá abordar algumas técnicas básicas direcionadas à equipe de filmagem que desenvolve trabalhos de: Documentários, filmes e reportagens. Esclarecendo alguns pontos fundamentais para este meio e uma disciplina profissional e ética no tratamento de todos e de tudo o quanto pode ser usado para uma produção cinematográfica.

ATITUDES E COMPORTAMENTOS – Durante a filmagem

Respeito e empatia. É óbvio, e não deveria ser necessário repetir, que tanto individualmente como em conjunto, os membros da equipe devem ter como premissa básica o respeito por aqueles que estão filmando. Esse respeito deve ser demonstrado (e sentido) o tempo todo, em qualquer circunstância; desde a chegada da equipe até a hora de ir embora, e mesmo depois.

Quantas vezes se tiram fotos de pessoas, prometendo mandá-las depois, e essas fotos nunca são entregues? Quantas vezes se deixa lixo no local da filmagem? Quantas vezes objetos são emprestados, móveis e quadros são tirados do lugar, buracos de pregos feitos nas paredes, plantas pisoteadas no jardim, e nada disso é consertado ou devolvido?

Isso não quer dizer que a equipe tenha que ser subserviente ou hipócrita, mas apenas que tratem as pessoas como gostaria de ser tratada. Não esqueça que essas pessoas estão lhe dando algo precioso que você precisa. Atenção e respeito para com elas pode ser a melhor maneira de agradecer.

Algumas regras básicas para qualquer situação:

- Nunca jogue lixo no chão. leve sempre um saco e utilize-o!
- Sempre coloque os objetos de volta no lugar onde estavam.
- Conserte ou então pague pelos estragos – seja meles riscos na parede ou um vaso quebrado.
- Respeite sempre o espaço e o tempo do outro.

As equipes de filmagem, infelizmente, costumam achar que têm direito de se impor, como se o ato de filmar desse especial permissão para invadir a privacidade das pessoas. Isso não é verdade. Respeito pelo outro é a palavra-chave. Além de ser essencial com as pessoas de fora, esse respeito deve estar presente entre os membros da equipe. Muitas vezes as relações de poder dentro da equipe transbordam, afetando a vida de outras pessoas. É preciso que haja igualdade entre os integrantes da equipe. Todos precisam aprender a trabalhar em conjunto, como uma única entidade e entender que todos são igualmente importantes.

Se isso é verdade para a equipe como um todo, é especialmente importante para o diretor e o câmera, que em geral se relacionará mais diretamente com as pessoas que estão sendo filmadas. Os dois devem ser bons ouvintes, pacientes com as dificuldades que as pessoas podem ter de se expressar ou se deixar filmar. Nunca devem tratar o sujeito como objeto. As vezes isso pode ser difícil. As exigências da filmagem cria limitações que provocam impaciência: a luz está mudando, outras sequências tem que ser rodadas, a equipe precisa almoçar, etc. Ou então, após o contato inicial, conclui-se que o sujeito escolhido para ser filmado não é de fato adequado, sendo necessário explicar isso sem ofender ou diminuir a pessoa. Em geral, quando se explica o que está acontecendo, a pessoa se sente participante e compreende as dificuldades. Para o câmera, a quem cabe a difícil tarefa de impor sua lente sobre as outras pessoas, isso exige uma boa dose de tato e sensibilidade.

Isto é especialmente verdadeiro quando é necessário filmar pessoas e situações em que o filme

desaprova.

Há ocasiões em que é necessário saber recuar e ocupar um mínimo de espaço, tornando-se praticamente invisível para que o outro possa crescer e ocupar o espaço deixado por você e pela câmera. Permita que o outro apareça e se revele para você. Isso requer muita paciência. A capacidade de esperar, de sentir o momento certo de filmar, de sacar que o outro baixou a guarda e vai se mostrar como realmente é, na verdade só vem com a experiência e com muitas tentativas e erros. Mas também faz parte de estar atento, concentrado no que deve ser filmado e não no ato da filmagem.

Por outro lado, há situações em que é preciso engolir a timidez e o respeito natural pelo outro e se tornar gigante, uma autoridade sem medo. Ocupar o espaço do outro e exigir entrada.

Aprenda a entender os sinais, aprenda a linguagem do corpo!

Para os outros membros da equipe, é extremamente importante ficar atento no que está ocorrendo com a câmera. Muitas vezes uma bela seqüência é arruinada porque entra em quadro membros da equipe que estavam desatentos. Isso acontece muito. Em todos os momentos, deve haver uma atitude de alerta, de atenção no que está sendo filmado, para onde a câmera está voltada, e se está rodando ou não. A mesma coisa vale para o som.

Finalmente, nunca é demais repetir que o quesito da empatia é fundamental. A empatia vai além da simpatia – nasce do respeito e do reconhecimento. Quando existe empatia, a câmera participa da realidade e o sujeito participa do filme. Essa qualidade não se aprende na escola, ela vem do coração. Embora invisível, inevitavelmente acaba surgindo na tela.

Existe uma verdade quando se faz filmes, principalmente documentário: tudo que acontece fora da tela, atrás da câmera, entre os membros da equipe, sempre acaba aparecendo na tela. Não se esqueça disso. A câmera revela em duas direções: o que está na frente da lente e também o que está por trás.

ESTEJA ATENTO!

“Filmando: coloque-se num estado de profunda ignorância e curiosidade, mas apesar disso, encher-gue tudo com antecedência”.

MANEIRA DE FILMAR – Linguagem

Exite uma gramática básica que serve para qualquer filme, seja de ficção ou documentário. É óbvio que cada tipo de documentário (didático, institucional, investigativo, histórico, etc.) requer uma abordagem e um estilo diferente. Alguns dependem principalmente de texto lido pelo narrador e ilustrado e ilustrado pelas imagens. Outros contam com um reporter na tela, que dá explicações ao público. Outros deixam que as imagens contem a maior parte da história, com alguma ajuda do narrador. Em alguns casos, o próprio realizador narra uma história da qual ele mesmo participou.

Em alguns documentários há um narrador múltiplo, composto por vozes de pessoas que tem a ver com a história. Outros ainda dispensam o narrador, deixando que as imagens e sons criem uma narrativa que atua mais no nível emocional da audiência.

Sempre que possível, é importante que o câmera saiba com antecedência que tipo de tratamento será dado às imagens, de modo a levar em conta que eventuais saltos e elipses podem (ou não) ser cobertos por um narrador. Dessa forma ele pode decidir (juntamente com o diretor, mas muitas vezes sem ele) o que é de fato importante para contar a história.

De maneira geral, o câmera deve ter em mente as questões já mencionadas, ou seja: onde estamos e como parece? (localização) o que está acontecendo, e conseqüentemente, por que estamos aqui? Com quem está acontecendo. e/ou, quem está provocando os acontecimentos? (apresentação dos sujeitos) Como os sujeitos reagem ao que está acontecendo? (internamente) O que os sujeitos acham disso? (Subjetivamente) O que o filme acha disso? (crítica intrínseca no filme).

A gramática básica da filmagem é o caminho que orienta o câmera e finalmente o libera para uma expressão mais pessoal. Mas o que é de fato esta gramática? Num filme de ficção poderia ser facilmente descrita assim:

- Plano geral (onde estamos e o que está acontecendo).
- Plano médio geral (a quem acontece ou quem faz acontecer).
- Plano médio (quem são eles e como reagem).
- Planos próximos ou close-ups (como eles reagem, que efeitos os acontecimentos provocam nas pessoas, o que elas pensam).

Os dois últimos planos descritos costumam ser rodados a partir de vários ângulos, ou no caso de duas pessoas conversando, em planos sobre o ombro ou grandes close-ups individuais, mudando o ponto de vista informe a pessoa que se quer destacar ou dependendo de quem está falando naquele momento. Todas essas imagens podem ser estáticas ou em movimento, pode ter diferentes tempos na tela, ser intercaladas para trás e para diante (podem até não ser usadas e acabarem no chão de montagem ou no buraco negro digital de um .avi) mas, elas são os blocos construtores da linguagem cinematográfica.

Para o câmera de documentários, os mesmos blocos construtores podem ser utilizados. E quando em dúvida sempre vale a pena utilizá-los, pois mais tarde no mínimo irão fornecer elementos para que o editor possa contar a história com a maior clareza possível. Eles são o abc da realização, do fazer um filme. Uma convenção que desde a época dos primeiros filmes mudou e se tornou parte integrante do que se entende por filme.

Para nós que estamos iniciando, com essa fascinante carreira devemos sim, ter uma notável observância dos valores de cada ato, de cada ação, de cada junção e subjunção que se pode fazer na manipulação de imagem, filmes e sons, ou seja, nas mãos teremos um grande poder de facinar, porém

tudo isso se tornar impotente se não obtivermos o devido respeito acima disso tudo.

COMPOSIÇÃO E MONTAGEM (durante as filmagens)

Panorâmicas e travellings óbvios não correspondem aos movimentos naturais do olho. É como separar o olho do resto do corpo. Não se deve ser usar a câmera como uma vassoura!

A advertência, é muito útil porque nos faz pensar sobre a maneira como a câmera compõe seus planos, os movimentos que faz com a câmera, a utilização do zoom e a escolha dos ângulos. Também levanta a questão da presença da câmera. Quando vemos um filme caseiro, feito por um amador, em geral notamos o uso excessivo do zoom, a falta de estabilidade da câmera, os saltos e as panorâmicas rápidas demais entre um plano e outro, que não dão tempo para que o espectador perceba o que está vendo. Essas falhas são bastantes comuns.

O tempo de uma cena na tela é diferente do tempo (subjetivo) da pessoa que está filmando a cena. O olho e o cérebro de quem filma absorvem a informação da cena muito mais rapidamente do que a plateia, podendo resultar em planos curtíssimos, movimentos vertiginosos, frustração e inclusive náusea quando o filme é mostrado. A plateia precisa de tempo para reconhecer as imagens, absorve as informações e refletir sobre ela. A enxurrada de imagens e a estimulação dos nervos ópticos e a excitação de certas áreas do cérebro do que com a compreensão e a reflexão que o filme documental busca promover. Não use a câmera como uma vassoura, digo isso, referindo-se às panorâmicas que varrem a cena, não permitindo que se veja os detalhes. E poderíamos acrescentar, não use o zoom como um trombone, aproximando e afastando da cena depressa demais, mudando constantemente a relação com o sujeito. A câmera precisa estar sempre atenta ao “tempo de tela”, esteja ele usando um tripé ou com a câmera na mão. Isto é especialmente importante quando estamos tentando filmar de modo a não chamar a atenção para a presença da câmera.

“Presença de câmera” quer dizer “presença do realizador”. Essa questão da invisibilidade da câmera (realizador) tem sido um ponto de discussão e polêmica desde os primeiros tempos do documental. Num certo sentido, estamos sempre conscientes da presença da câmera, mas dependendo da maneira como filmamos, pedimos à plateia que esqueça isso. Embora seja mais comum que o realizador permaneça invisível, alguns realizadores preferem acentuar a presença da câmera e da equipe.

Os movimentos de câmera são extremamente subjetivos e pessoais. Certas coisas pedem determinados movimentos, outras não. Não existe um jeito “certo”, embora existam algumas regras (que sempre dá para quebrar) que podemos ajudar a encontrar uma abordagem pessoal:

- Cada movimento deve ter um motivo. Nunca movimente a câmera sem razão;
- Sempre movimente a câmera com “intenção” (ela deve ir de um lugar específico para outro);
- Se possível, deixe que o movimento expresse uma qualidade inerente ao sujeito que está sendo

- filmado;
- Movimentos revelam (ou escondem, que é outra forma de revelar). Perceba o que está sendo revelado;
 - Movimentos podem juntar ou separar coisas. Perceba o que e como!
 - Movimentos nos aproximam ou nos distanciam do sujeito. Esteja consciente do que você pretende e porquê;
 - Dê ao movimento o ritmo da sequência ou o tempo do sujeito.
 - Acima de tudo, os movimentos de câmera envolvem o espectador na cena. Esteja consciente do "tipo" de envolvimento que você deseja.

Os movimentos de câmera é uma coisa. Os movimentos da câmera e o reposicionamento da câmera são outra coisa muito diferente. O que a câmera muda de posição para criar novas tomadas, novos pontos de vista. A maneira como ele faz isso, as escolhas que ele faz irão determinar o 'fluir', a construção e a 'cara' da sequência editada. Decidir quando mudar de posição também é uma decisão importante, especialmente se isso significa interromper uma ação. Muitas vezes, especialmente quando filmando com a câmera a câmera tem uma tendência natural para filmar a ação em uma única tomada. Isso funciona quando se repete a ação várias vezes, a partir de diferentes ângulos, como nos filmes de ficção. Num documentário, porém, isso raramente é possível, a não ser que se use duas câmeras. Uma única tomada longa invariavelmente significa que o editor não terá escolha de como editar a sequência... ele é obrigado a usar aquele plano. Ele pode usar só parte do plano, mas terá dificuldades, pois todas elas tem o mesmo ângulo e o mesmo enquadramento. Uma maneira de resolver o problema é filmar planos de cobertura; planos de outras pessoas, que estão presentes ou de ações que estariam acontecendo simultaneamente mas são filmados mais tarde, etc. O que a câmera também pode movimentar a câmera durante o plano fornecendo assim, vários pontos de vista alternativos (mas precisa ter cuidado para se movimentar apenas durante os momentos que não são essenciais). ele precisa compor mentalmente, em quanto trabalha, uma possível sequência montada e lutar para encontrar os planos necessários. precisa saber o momento de cortar, quando mudar seu ângulo de visão, quando chegar mais perto e quando recuar. Precisa pensar como seus planos irão se juntar e lembrar o que já filmou e o que ainda precisa ser filmado.

O câmera de documentário é o outro olho do diretor, mais também precisa ter a alma de um editor.